

## O PRIMEIRO ALCIBÍADES<sup>1</sup>

Carmina Mendes André<sup>2</sup>

Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (IA/UNESP)<sup>3</sup>

DOI 10.21680/2595-4024.2023v6n1ID34281

60

**Resumo:** Este ensaio pretende fazer uma leitura possível do texto platônico “O Primeiro Alcibíades”, que foi apresentado pelo Grupo Performatividades e Pedagogias, da UNESP, como Leitura Dramática no II Colóquio Internacional Poéticas do Aprender, da UFRN. Trata-se de abordar este texto platônico no que ele pode nos ofertar de reflexões sobre a educação. Nosso foco é nos aproximar do conceito-prática do “cuidado de si” explicitado no texto. Por fim, aproximamos esse procedimento platônico da produção do conhecimento acadêmico na busca de um sentido para o ato de pesquisar para além de sua produção mercantil.

**Palavras-chaves:** Sócrates; Cuidado de si; Pesquisa acadêmica.

---

<sup>1</sup> Este ensaio foi escrito como resultado de uma Leitura Dramática do texto platônico “O Primeiro Alcibíades”, realizada no II Colóquio Internacional Poéticas do Aprender (II CIPA), promovido pelo Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que aconteceu em novembro de 2021, em formato remoto.

<sup>2</sup> Docente aposentada e colaboradora do PPGArte do IA-UNESP, atuação na linha de pesquisa ARTE EDUCAÇÃO. Bacharel em Teatro pela Universidade de São Paulo (1989), Mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1997), Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (2007); Pós-Doutora pelo Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas (2010). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Performatividades e Pedagogias Cnpq. Foi coordenadora da Instituição Promotora do DINTER entre UNESP e UFT (2016-2019).

<sup>3</sup> Este ensaio não teria sido possível sem as muitas discussões sobre o texto de Platão que realizamos no segundo semestre de 2021 no Grupo de Pesquisa Performatividades e Pedagogias que na época contava com Caio Franzolin, Carmina Mendes André, Daniela da Conceição Santana, Dudu Oliveira, Élder Sereni Ildefonso, Eneila Almeida dos Santos, Fernando Bueno Catelan, Gustavo Henrique Lima Ferreira, Karyne Dias Coutinho, Lana Sultari, Maíra Leme de Andrade, Márcia do Carmo Felismino Fusaro e Nathália Pallos Imbrizi.

Abstract: This essay intends to present a possible reading of the Platonic text “O Primeiro Alcibiádes” on what it can offer us in terms of reflections on education. Our focus is to approach the concept-practice of “care of the self” explained in the text. Finally, we approach this Platonic procedure for the production of academic knowledge to search for a meaning for the act of researching beyond its mercantile production.

Keywords: Sócrates; Care of yourself; Academic research.

## Cuidado de si, conhecimento acadêmico

O “cuidado de si”, tema levantado por Michel Foucault, tem sido um assunto muito abordado entre nós do Grupo de Pesquisa Performatividades e Pedagogias do Instituto de Artes da UNESP que conta, em sua maioria, com professores e artistas. Um dos textos citados nos estudos de Foucault sobre o “cuidado de si” é “O Primeiro Alcibiádes”, texto tardio de Platão. As motivações para a escrita deste ensaio é levantar alguns procedimentos pedagógicos a partir do texto platônico e relacioná-lo ao tema do cuidado de si. Mas ainda, como questão de fundo, perguntar: o que o cuidado de si pode ter a ver com o ato da escrita da pesquisa acadêmica?

Conta-se que Sócrates era um filósofo que vivia andando pelos lugares públicos conversando com as pessoas. Podemos associar tal atitude (caminhante) ao conceito de Skholé, que, em grego, trata do “tempo livre” (dentre outras significações). Mas não se trata de lazer. Trata-se do tempo livre para os estudos e exercícios para o autoconhecimento. Estudos sem um direcionamento escolar, estudos de quem se lança em busca de questões existenciais (quem sou eu? de onde vim? etc.) ou mundanas. Nesta perspectiva, não se estuda para uma prova ou para assimilar um conhecimento. Estuda-se por curiosidade e necessidade.

Curiosidade, veja que interessante, vem da palavra “cuidar”. Daí podermos aproximar, a partir de Foucault, o “tempo livre” do “cuidado de si”. Trata-se de inventar um qualquer lugar em que tiramos um qualquer tempo para que possamos nos dedicar a nós mesmos. Um tempo que tiramos para nos conhecer, para nos analisar, para inventar vida no que há de mais belo.

Diante de tal proposição, perguntamo-nos se o tempo da pesquisa científica não deveria ser um tempo livre para a investigação (de si e do mundo). Porém, diante de um sistema de ensino cada vez mais produtivista, aproximar tempo livre e pesquisa parece absurdo. O que nos impede de realizar esse tempo livre, tempo para o aprender, na contemporaneidade, passa pela falta de tempo que a sobrevivência nos impõe? O tempo livre para o aprender seria uma reivindicação burguesa?

Vivia Sócrates principalmente entre os jovens e fazia uso da pergunta e não da exposição de conteúdos como fazemos hoje, quando pretendia emergir um encontro de aprendizagem. Por meio do diálogo, o filósofo se valia da ‘exposição do pensamento’ para que os sujeitos chegassem à verdade de algo. Pode-se entender que creditava à reflexão, creditava ao domínio das palavras ditas, a maior virtude do aprendizado. Seria essa a maiêutica socrática? Pela estreita relação com a verdade, seria por meio das respostas provocadas pelo perguntador que o sujeito mostrava a si. Por meio da palavra, como a um espelho, as palavras refletem o “si mesmo” do falante.

Na relação com a pesquisa acadêmica, ficamos nos indagando: até quanto o texto escrito de uma pesquisa não pode ser o espelho-metáfora do exercício da mente e da sensibilidade de quem escreve?

O diálogo com Sócrates não era simples, pois exigia dos indivíduos o dizer a verdade. Tratava-se do que os gregos chamavam de *parrhesia*. “Aquele que usa a *parrhesia*, o *parrhesiastes*, é alguém que diz tudo o que tem em mente: ele não esconde nada, mas abre seu coração e sua mente completamente para outras pessoas através de seu discurso” (FOUCAULT, 2013, p. 4). Trata-se de um certo uso

que se faz da palavra, uma certa relação entre aquele que fala e o que diz, em que, aquele que fala deixa claro que se trata de sua própria reflexão. O *parrhesiastes* é aquele que expõe a si mesmo ao outro (ou a um grupo). É pertinente lembrar haver uma âncora do pensamento platônico na metafísica, em um mundo inteligível (mundo das ideias) que está antes do ser encarnado (mundo sensível) e que a verdade é a aproximação com esse mundo que está acima e fora do mundo humano.

O modo como se fala também está implicado no ato parresiático: fala-se sem retórica, sem rodeios, o mais direto possível o que ele (o falador) acredita ser verdadeiro. Para Foucault “na *parrhesia* o falante enfatiza o fato de que ele tanto é o tema da enunciação quanto o *enunciandum* – que ele próprio é o tema da opinião a qual se refere” (FOUCAULT, 2013, p. 4) As palavras empregadas, os modos de uso da língua, os exemplos, as imagens performam o “si mesmo”.

Segundo Masschelein e Simons (2014), ex-posição é quando temos que nos abrir ao outro no falar ou no escrever como fazemos agora. Quando nos expomos colocamos em movimento nossos pensamentos e nossa igualdade (de fala, de entendimento). Mas também quando nos expomos nos colocamos em uma posição de vulnerabilidade, de dependência pois entregamo-nos ao outro. E por se tratar da verdade, é muito provável que o *parrhesiastes* diga algo que é perigoso para si mesmo.

Na relação com a academia, perguntamo-nos se, ao escrever uma dissertação ou tese acadêmica, não estamos expondo a verdade que alcançamos do tema explorado. Não estamos nos posicionando diante do mundo? E o quanto isso não é perigoso em sociedades pouco versadas na democracia?

No caso dos gregos, o *parrhesiastes* não é um igual, mas alguém que está em uma situação social diferente de sua audiência. No caso entre Sócrates e Alcibíades, esse último é um cidadão ateniense de elevada posição social, o que parece não acontecer com Sócrates. Tal fato faz com que se estabeleça um pacto de confiança entre as partes, uma autorização de ambos para seguir na

conversação. No caso dos gregos, esse pacto envolve uma relação de afeto entre os sujeitos.

Se considerarmos que Sócrates estuda o pensamento de Alcibíades e que para isso chancela um pacto de afeto com seu “pesquisado”, temos aqui mais uma possível aproximação com o método científico contemporâneo: a aproximação sensível que o pesquisador contemporâneo tem com aquilo que estuda (contrariamente ao método científico positivista em que o pesquisador deve se manter separado, distante, do que observa).

No texto “O Primeiro Alcibíades”, imaginamos o jovem Alcibíades caminhando com o maduro Sócrates enquanto conversam. Quem toma a iniciativa do encontro e atua como *parrhesiastes* é Sócrates. Há um motivo para que o filósofo se aproxime do jovem cidadão: a intenção de Alcibíades entrar para a vida pública da cidade, tornar-se um conselheiro na Assembleia.

Mas antes de iniciar suas reflexões diante do jovem, Sócrates se certifica de que seu interlocutor quer saber de suas intenções (se tem curiosidade e necessidade de tal) e, assim gerado o consentimento do outro, sela-se o pacto.

*Sócrates* – Se desejas saber, como dizes, o que se passa comigo, ouve-me, como cumpre, com boa disposição. Vou falar como quem se dirige a quem se dispõe a escutar e a não retirar-se antes do fim.

*Alcibíades* – Está bem. Podes falar. (PLATÃO, 2007, p. 234).

Sócrates mostra saber das intenções de Alcibíades, mostra saber de sua linhagem nobre de família materna e paterna, de sua boa fortuna e de que foi apadrinhado pelo poderoso Péricles para realizar seus estudos. Sabe quem o educou. Tal conhecimento do outro já pode nos levar a critérios metodológicos: o perguntador observa, estuda seu interlocutor antes de lhe dirigir a palavra e, de certa forma, convida o outro a comprometer-se com a verdade do que falará.

Alcibíades, um jovem fisicamente muito belo, no ímpeto de sua juventude e prestígio entre os atenienses, concorda com Sócrates de que prefere morrer a levar uma vida sem brilho, portanto, está determinado a doar-se para a cidade. Mas Alcibíades é um jovem arrogante, e já com sua beleza em declínio, todos se afastam dele, até os adutores, só restando Sócrates. Justamente nesse momento é que o filósofo resolve dirigir-se ao jovem, pois há grande chance de que ele lhe dará ouvidos. Aqui podemos pinçar outro procedimento metodológico: há um momento acertado para que a aprendizagem de algo se dê.

Se Alcibíades quer entrar na política tem que conhecer os assuntos de Estado, pois deverá saber confrontar-se com seus adversários que, na perspectiva de Sócrates, são de duas espécies: os internos (os gregos, principalmente os espartanos) e os externos (principalmente os persas). Por meio de perguntas e respostas, Alcibíades mostra ignorar seus adversários e ignorar os assuntos principais da política na perspectiva do homem virtuoso de que seu interlocutor carrega como modelo.

O homem experiente mostra ao jovem as virtudes de seus adversários bem como sua formação educacional para enfrentar a política. Falará da exímia formação dos reis persas, e mostra que a educação de seus adversários externos, comparada à formação recebida por Alcibíades, é muito superior. Ele precisará adquirir um saber que, no confronto com seus adversários, supere sua deficiência de formação.

Há muitos procedimentos, que poderíamos chamar de pedagógicos, executados por Sócrates, que devem atingir o pensamento do jovem: reconhecer que não sabe determinado assunto, que não sabe como abordar tal assunto, reconhecer sua má formação, reconhecer não ter se debruçado o suficiente diante de um assunto. Nos oferece um interessante modo de avaliação do aprendizado: sabemos que sabemos algo quando conseguimos ensinar esse algo a outrem. O conhecimento, no caso aqui, a verdade, pode ser conquistada de dois modos: ou

através de um professor que a conhece e a transmite ou por reflexão própria. Nesse quesito, é interessante pensar o que Sócrates ensina.

Sócrates é a figura arquetípica do mestre que não transmite o saber e mesmo sem o fazer, provoca seu interlocutor a buscar dentro de si o conhecimento que já está lá, poque faz parte da essência humana. O conhecimento é reminiscência, está na alma como possibilidade e precisa ser lembrado, rememorado por meio da provocação e do esforço que dispõe a alma a trazer à memória aquilo que ela já conhece, por ter vislumbrado ideias, formas, antes de encarnar na vida terrena. A aprendizagem é fundada na reminiscência ou anamnese, processo de recordação induzido por perguntas e respostas, a partir do plano sensível e pelo questionamento de Sócrates, possibilita a elevação da alma à apreensão do inteligível. (BOLLIS, 2019, p. 225)

Importante ressaltar na interpretação de Bollis é que o conhecimento é reminiscência. Portanto, o papel da memória é fundamental para a “revelação” da verdade que todos carregam.

Platão critica a formação educacional dos atenienses. Percebemos isso na exposição que faz da formação dos príncipes persas; nos oferece um interessante projeto educacional. Abaixo transcrevemos uma citação longa, mas que entendemos importante para as ideias aqui levantadas.

*Sócrates* – [...] Quando os príncipes atingem a idade de sete anos, dão-lhes mestres de equitação e o iniciam na caça. Com duas vezes sete anos, são entregues aos chamados preceptores reais, pessoas escolhidas entre os persas de

maior conceito e no vigor da idade, em número de quatro: o mais sábio, o mais justo, o mais moderado e o mais valente. O primeiro o instrui no magismo de Zoroastro, filho de Oromásio, que consiste no culto dos deuses. Ensina-lhe também a arte de reinar. O mais justo o ensina a dizer sempre a verdade. O mais moderado o ensina a não se deixar dominar por nenhum prazer, para que se habitue a ser livre e rei, de fato, o que começa pelo domínio das paixões, para delas não vir a ser escravo. O mais corajoso o ensina a ser intrépido e isento de medo, inculcando-lhe que temor é escravidão. (PLATÃO, 2007, p. 263. Grifos nossos).

Platão, por meio do modelo de educação dos príncipes persas, mostra a Alcibíades o que ele deve saber se pretende governar a cidade: conhecer as crenças e respeitá-las, aprender a arte de governar, a arte de dominar as paixões para ser um homem livre e aprender a arte de se isentar do medo (coragem). Grafamos a palavra arte porque ela indica o caminho do cuidado de si. Não se trata apenas de técnicas de autoconhecimento, mas de uma arte. Não se trata de dominar um conteúdo, mas de sua *práxis* levada ao cotidiano. O cuidado de si resulta em uma estética da existência.

Outra ideia que chama a atenção é a relação entre liberdade e domínio das paixões, ou seja, a busca pela temperança e o cuidado de si. Um príncipe persa, por sua formação, tem a chance de viver de modo a cultivar o homem virtuoso. Nos estudos sobre o “uso dos prazeres” Foucault mostra que a moral e a virtude estão relacionadas aos comportamentos cujo modelo é o equilíbrio ao uso dos prazeres (na relação com a comida, com a bebida e com o prazer amoroso).

A temperança é representada com grande regularidade entre as qualidades que pertencem – ou que pelo menos deveriam



pertencer – não a todos e a qualquer um, mas, de forma privilegiada, àqueles que têm posição, status e responsabilidade na cidade. (FOUCAULT, 2019, p. 73)

Há um foco na estética, um modo de viver belo, um aceno à uma estética da existência principalmente para aqueles que pretendem governar os outros. Estes devem levar uma vida modelar para todos.

Nessa altura, associamos a vida virtuosa modelar com o saber cotidiano, o que temos chamado de senso comum. A relação entre as ideias virtuosas e a prática cotidiana que lhe corresponda parece ser o que nos aponta a pensar o filósofo. O conhecimento rememorado servirá, portanto, para compor uma vida bela (ora, o que seria uma vida bela nesse Brasil de 2022? Será que podemos atualizar a vida virtuosa de que fala o grego, com a igualdade de oportunidades para todos, da ética pela justiça social, modelos comportamentais para uma vida solidária, e tudo o que produz beleza coletiva?).

Após Alcibíades perceber que não sabe o que deve saber para governar a cidade, de que não vive uma vida que poderia ser modelo de beleza, Sócrates o leva a refletir sobre os assuntos do bem governar uma cidade. E o jovem mostra-se sem conhecimentos suficientes para tal empreitada. Alcibíades demonstra que não sabe governar a si mesmo e que, portanto, não tem ainda maturidade para governar os outros (a cidade). O caminho apresentado por Sócrates é o do “conhecer-se a si mesmo” e, para isso, a próxima lição de Alcibíades será a de rememorar a diferença entre o que *é* Alcibíades e o que *pertence* a Alcibíades. O jovem deverá aprender a agir consigo de maneira apropriada, deve aprender a cuidar de si, viver uma vida virtuosa. Só depois disso poderá cuidar dos outros. Sócrates então formula a pergunta chave para esse ensaio:

*Sócrates* – Então responde: que significa a expressão Cuidar de si mesmo? Pois pode muito bem dar-se que não estejamos

cuidando de nós, quando imaginamos fazê-lo. Quando é que o homem cuida de si mesmo? Ao cuidar de seus negócios cuidar de si mesmo?

*Alcíades* – Parece que sim. (PLATÃO, 2007, p. 273)

A resposta está errada, e há muitas analogias feitas para mostrar a diferença entre o que *é* Alcíades e o que *pertence* a Alcíades. O final da equação é que para nos tornarmos seres melhores temos que saber quem somos.

*Sócrates* – Que é, então, o homem?

*Alcíades* – Não sei o que diga.

*Sócrates* – Pelo menos sabes que é o que se serve do corpo.

*Alcíades* – Sei.

*Sócrates* – E o que mais pode servir-se do corpo, se não for a alma? (PLATÃO, 2007, p. 277. Grifos nossos)

Aqui instaura-se uma interessante discussão sobre o verbo “servir-se”. Segundo Foucault,

*Khrêsthai* (*khráomai*: eu me sirvo) designa, na realidade, vários tipos de relação que se pode ter com alguma coisa ou consigo mesmo. Com certeza, *khráomai* quer dizer: eu me sirvo, eu utilizo (utilizo um instrumento, um utensílio), etc. Mas, igualmente, *khráomai* pode designar um comportamento, uma atitude. Por exemplo, na expressão *hybristikôs khrêsthai*, o sentido é: comportar-se com violência (como dizemos “usar de violência” e “usar”, de modo algum tem o sentido de uma utilização, mas de comportar-se com violência). Portanto, *kháomai* é igualmente uma atitude.

*Khrêsthai* designa também certo tipo de relações com o outro. Quando se diz, por exemplo, *theoís khrêsthai* (servir-se dos deuses) isto não quer dizer que se utilizam os deuses para um fim qualquer. Quer dizer que se tem com os deuses as relações que se deve ter, que regularmente se tem, isto é, orar, prestar culto, fazer com eles o que se deve fazer. (FOUCAULT, 2006, p. 70)

Se a alma se utiliza do corpo, não se trata de utilidade instrumental, mas uma certa atitude que se deve ter com aquilo que lhe pertence; designar uma certa atitude consigo mesmo. Um comportamento adequado consigo mesmo. O “ocupar-se consigo”, ocupar-se com a alma, portanto, não é uma atitude de passividade, não é a alma-substância o que procura, mas uma “alma-sujeito”, um agente (FOUCAULT, 2006). O “si mesmo” que se procura é essa alma-sujeito que se serve do que lhe pertence e que está atenta ao modo de comportar-se consigo, com os outros, com as coisas a seu redor.

Será que não poderíamos pensar a pesquisa acadêmica como ato de ocupar-se de si mesmo?

Quando nos reportamos ao estudo da sexualidade dos gregos feita por Foucault percebemos que esse modo tem parentesco com a moderação, com a temperança, ambos nos preparando a agir na ocasião propícia (e não no agir impulsivo e irrefletido). Percebe-se que o problema para os gregos antigos relaciona-se com a *hybris*, com o agir desmesuradamente, que as paixões tendenciam a levar os homens. As tragédias clássicas muito nos ensinam sobre esse conceito.

Na continuidade, Sócrates demonstra que o corpo de Alcibíades não é Alcibíades, posto que há algo que se serve do corpo (e esse não comanda a si mesmo). Quem comanda o corpo, então?

*Sócrates* – Sendo assim, uma vez que o homem não é nem o corpo, nem o conjunto dos dois, só resta, quero crer, ou aceitar que o homem é nada, ou, no caso de ser alguma coisa, terá de ser forçosamente *alma*.

[E logo à frente ele insiste:]

*Sócrates* – Novamente: quem cuida do corpo, não cuida de si mesmo, mas apenas do que lhe pertence. (PLATÃO, 2007, p. 278-279. Grifo nosso).

Portanto, reiteramos aqui que o “cuidar de si” é fazer agir essa alma-sujeito, é observar os modos convenientes desse agir, pelo corpo — servindo-se corretamente dele — em homens virtuosos, e o comportar-se (perante si, os outros, o mundo) moderadamente.

Sócrates coloca outro problema a Alcibiades: como alcançar o conhecer a alma? Em primeiro lugar, é preciso que a alma possa ver a si própria para se reconhecer no mundo manifestado. Onde a alma, então, poderia espelhar a si mesma para se reconhecer e se compreender?

*Sócrates* – E com relação à alma, meu caro Alcibiades, se ela quiser conhecer-se a si mesma, não precisará também olhar para a alma e, nesta, a porção em que reside a sua virtude específica, a inteligência, ou para o que lhe for semelhante?

*Alcibiades* – Parece-me que sim, Sócrates.

*Sócrates* – Haverá, por ventura, na alma alguma parte mais divina do que a que se relaciona com o conhecimento e a reflexão?

*Alcibiades* – Não há. (PLATÃO, 2007, p. 283)

Sendo o conhecimento e a reflexão a parte que se relaciona com o divino, são eles a parte que se relaciona com a verdade. O espelho da alma é construído na medida em que é exposto o pensamento (verdade) por meio das palavras, o que nos leva a considerar a palavra como o espelho (o suporte material) pelo qual a alma se manifesta.

Na empolgação das associações, chega-nos à mente perguntar: é possível que os textos de nossas pesquisas acadêmicas possam expor a alma do observador que escreve? Se assim é, não teria cada alma um modo, uma estética, uma forma singular de expressar-se mesmo tratando da verdade metafísica de Platão?

Compreendemos a argumentação de Platão, com a seguinte estrutura: um homem que não cuida conveniente de “si mesmo” não é capaz de reconhecer o que é bom, o que é justo, o que é belo; também não poderá reconhecer e dizer a verdade e nem saberá o que está fazendo ou falando; um homem que não cuida de “si mesmo” cometerá erros e nunca será feliz; um homem que não cuida de “si mesmo” não se comporta de modo a trazer-lhe a felicidade, e, por conseguinte, não poderá conduzir os outros à felicidade, pois: como dar aos outros o que não se tem? Então, Sócrates chega ao ponto inicial da conversa, qual seja, a pretensão de Alcibíades em tornar-se um político (um homem público).

*Sócrates* – As cidades, portanto, para serem felizes, não necessitam nem de muros, nem de trirremes, nem de estaleiros, Alcibíades, nem de população e tamanho, mas de virtude. (PLATÃO, 2007, p. 285)

A felicidade (o bem maior para Platão) alcança-se com a vida virtuosa e esta, por sua vez, é alcançada com a prática do “cuidado de si”, ou, como pudemos testemunhar, por meio da inteligência. A prática do cuidado de si poderá o levar a uma vida virtuosa, fazendo do viver uma criação. Um conhecimento “quente” nos é

oferecido pela alma que escreve ou fala; um conhecimento bem distante do desencanto que sentimos diante de grande parte da produção científica ocidental.

Ao final do encontro, Sócrates retoma a questão da escravidão, essa falta de temperança que leva o sujeito para lá e para cá, sem domínio de si. Insiste na ideia do libertar-se dessa condição e pergunta a Alcibíades se ele agora tem conhecimento de si. E em seu direito de *parrehsíastes*, ele lança uma pergunta final:

*Sócrates* – Adquiriste agora consciência de teu estado?  
Consideras-te verdadeiramente livre, ou não?

*Alcibíades* – Penso ter perfeita consciência do que sou.

*Sócrates* – Neste caso, sabes como libertar-te do presente estado de coisas, que me abstenho de definir, em homenagem à tua formosura.

*Alcibíades* – Sei. (PLATÃO, 2007, p. 287)

O encontro de aprendizagem termina com o despertar de Alcibíades de que agora sabe do muito que ignora. Este não só compreende sua condição de “escravo”, como sabe por onde buscar sua liberdade. E sela, a partir desse momento, um pacto de amizade com Sócrates, prometendo alternar as posições, ou seja, dando a Sócrates a possibilidade de conhecer a si mesmo por meio da interlocução com Alcibíades.

*Alcibíades* – Pois que seja; falarei desse modo, com o acréscimo, Sócrates, de que corremos o perigo de trocar os papéis: tu ficarás com o meu e eu ficarei com o teu. A partir de hoje, não haverá possibilidade de evitarmos que eu me torne teu preceptor, e tu passes a ser dirigido por mim. (PLATÃO, 2007, p. 287-288)

O selo da amizade ao fim do diálogo apresenta mais uma característica do método socrático: Eros é também um bom conselheiro. O afeto entre as partes solidifica o aprendizado pois o torna de mão dupla.

O texto de Platão nos pareceu um convite a refletir sobre a produção do conhecimento e sua relação com a verdade. Sua leitura nos fez perguntar se poderíamos compor aproximações entre nossos modos de produção do conhecimento científico ocidental e os ensinamentos apresentados nesse diálogo filosófico.

No panteão dos textos consagrados à epistemologia do pensamento científico ocidental, pula à nossa frente, sem pedir licença, o texto “Um discurso sobre a ciência” de Boaventura de Sousa Santos, datado de 1987. O autor, naquele momento de sua produção acadêmica, desmonta os pilares da ciência positivista. Destacamos aqui a ideia de separação entre sujeito/objeto, a desconfiança dessa com relação ao nosso conhecimento imediato e a desconsideração do valor de saberes fora de seus domínios. Para contrapor os modos colonizadores do positivismo da ciência moderna ocidental, Santos (2008) imagina um outro modo de fazer ciência que intitula “paradigma emergente”, onde o conhecimento científico e o conhecimento do senso comum possam dialogar e se auto influenciar, gerando novas soluções para velhos e novos problemas.

Dentre as várias ideias apresentadas pelo autor português, gostaríamos de destacar uma em que ele afirma que toda produção científica é autobiografia. Baseado em pesquisas pós-modernas (princípio da incerteza, relatividade, autopoieses da natureza, etc.), afirma que o conhecimento produzido será efeito tanto das condições de onde foi gerado como daqueles que o geraram. O que contradiz a ciência positivista que busca as leis universais da natureza que seriam independentes do contexto onde foram estudadas. Ao refutar a ideia positivista de que para fazer ciência é preciso que o pesquisador esteja apartado de seu objeto de estudo — para que sua subjetividade não cause “erros”, enganos, no resultado

—, o autor observa que esse é um princípio arbitrário. Afirma, ao contrário, que “não conhecemos do real senão o que nele introduzimos, ou seja, de que não conhecemos do real senão a nossa intervenção nele” (SANTOS, 2008, p. 44). Ao afrouxar a distinção entre sujeito e objeto, observa que aí se forma um *continuum*. Desse modo, conclui que: todo conhecimento científico é também autoconhecimento.

Hoje não se trata tanto de sobreviver como saber viver. Para isso é necessária uma outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos. (SANTOS, 2008, p. 85)

Nesta perspectiva, pesquisar pode ser visto como um procedimento, uma prática para o autoconhecimento. Longe de pensar que Boaventura de Sousa Santos é platônico, mas reconhecendo uma certa ancestralidade fincada na Grécia clássica de que somos herdeiros, com sua imaginação epistemológica na criação do paradigma emergente, Santos (2008) oferece aos pesquisadores acadêmicos, um modo filosófico de dar sentido à sua atividade: que a pesquisa possa ser um exercício de cuidado de si. Nesse sentido é que aproximamos Platão de Boaventura Santos, ambos nos oferecem sentido existencial para a pesquisa acadêmica, sentido esses tão pisoteados pela sociedade da produção capitalista.

Ao resgatar a pergunta de Rousseau se a ciência melhora a virtude das gentes, Santos (2008) sugere a feitura da ciência para o propósito de fomentar uma vida descente aos seres humanos e inumanos que estão no planeta terra. E pensamos, com Platão e Boaventura Santos, que se fizermos ciência como uma forma de nos ocuparmos de nós mesmos, talvez possamos cometer menos atrocidades em nome do progresso, da evolução, do desenvolvimento tecnológico e outros inventos.



## Referências

BOLLIS, Silvana. A formação do homem virtuoso no Mênon de Platão. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 29, n. 2, abr./jun. 2019.

FOUCAULT, Michel. Discurso e verdade: seis conferências dadas por Michel Foucault, em Berkeley, entre outubro e novembro de 1983. Prometheus: Journal of Philosophy, v. 6, n. 13, 26 set. 2013. Disponível em: [www.academia.edu/4972169/DISCURSO\\_E\\_VERDADE\\_SEIS\\_CONFER%8ANCIAS\\_DADAS\\_POR\\_MICHEL\\_FOUCAULT\\_EM\\_BERKELEY\\_ENTRE\\_OUTUBRO\\_E\\_NOVEMBRO\\_DE\\_1983\\_SOBRE\\_A\\_PARRHESIA](http://www.academia.edu/4972169/DISCURSO_E_VERDADE_SEIS_CONFER%8ANCIAS_DADAS_POR_MICHEL_FOUCAULT_EM_BERKELEY_ENTRE_OUTUBRO_E_NOVEMBRO_DE_1983_SOBRE_A_PARRHESIA). Acesso em: 27 abr. 2022.

FOUCAULT, Michel. A história da sexualidade: o uso dos prazeres. São Paulo: Paz & Terra, 2019.

FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. A pedagogia, a democracia, a escola. São Paulo: Autêntica, 2014.

PLATÃO. O Primeiro Alcibíades. In: PLATÃO. Diálogos. Belém: Universidade Federal do Pará, 2007. p. 233-288.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre a ciência. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.